

EU, A TAL DA BIXA PRETA

A DANÇA DA
BIXA

EÍ MOCINHO
VOCÊ SABE O
QUE É SER
BIXA?

LOOK DE BIXA

E AÍ, COMO É
QUE FICA?



MARCELO FERREIRA

SENDO
BIXA PRETANA
DANÇA

EXPEDIENTE

Autor

Marcelo Ferreira

Editor

Marcelo Ferreira

Orientadores

Vivian Vieira Peçanha Barbosa

Jarbas Siqueira Ramos

Banca Avaliadora

Vivian Vieira Peçanha Barbosa

Jarbas Siqueira Ramos

Vanildo Alves de Freitas

Whander Alípio Sulurico Silva

Ficha Catalográfica

Agradecimento

Gostaria de deixar meus agradecimentos a todos que colaboraram comigo e com meu processo de formação. Agradeço a minha espiritualidade, por ter me guiado e ter dado saúde e força para prosseguir e produzir o processo: aos meus familiares, meu pai Antônio Carlos Ferreira, minha mãe Eliene Aparecida Borges Ferreira, juntamente ao meu irmão, Guilherme Borges Ferreira, e em especial minha avó Matildes Ambrosina Borges por todo suporte financeiro, psicológico e emocional que sempre me deram. Agradeço também a todas as minhas amigas Whander Alípio, Felipe Augusto, Giovana Araújo, Adriel, Luciana Nóbrega, Bruno Ribela e Juscelino, Ana Flávia Reis, Alexandre Roiz, Rafacla Santos, Raphaela Xavier e Gabriela Xavier, por serem meu grande suporte em todos os momentos de formação acadêmica, artística e na vida, vocês foram essenciais em cada detalhe percorrido até hoje.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Vivian Vieira Peçanha Barbosa, pelo o cuidado e a confiança que me passou, por toda sensibilidade, compreensão e disponibilidade neste período de pandemia e na escrita. Sem a sua ajuda, orientação e conselhos, eu não chegaria até aqui de maneira leve e satisfatória.

Não posso esquecer do Jarbas Siqueira Ramos, que assumiu um papel fundamental como co orientador no momento final do trabalho.

Quero agradecer Alexandre Molina e Whander Alívia que aceitaram o convite para a banca avaliadora na minha defesa.

Não posso deixar de agradecer a todas as bixas pretas e travestis que me antecederam, em especial Jorge Lafond e Lacreia, por me ensinar a enfrentar o mundo e ser cada vez mais forte e resistir tanto nos espaço acadêmico e na vida em um todo. E por fim quero agradecer a mim, por ter conseguido enfrentar tudo isso, passando por processos , me esforçando para me manter firme, por toda a minha dedicação para que minha formação fosse possível.

ÍNDICE

1 O QUE É SER BIXA? E ELAS
PODEM DANÇAR?

2 RESSIGNIFICANDO O VC
ESCÂNDALO

3 ASSUMI A "TAL DA BIXA"

4 A GUINADA DA "TAL DA
BIXA"

5 DO ENSINO MÉDIO PARA O
MUND... OPA! "PERA AÍ", PARA
AS FESTAS UNIVERSITÁRIAS

6 OS LOOKS DA BIXA

7 A MAIS DESEJADA

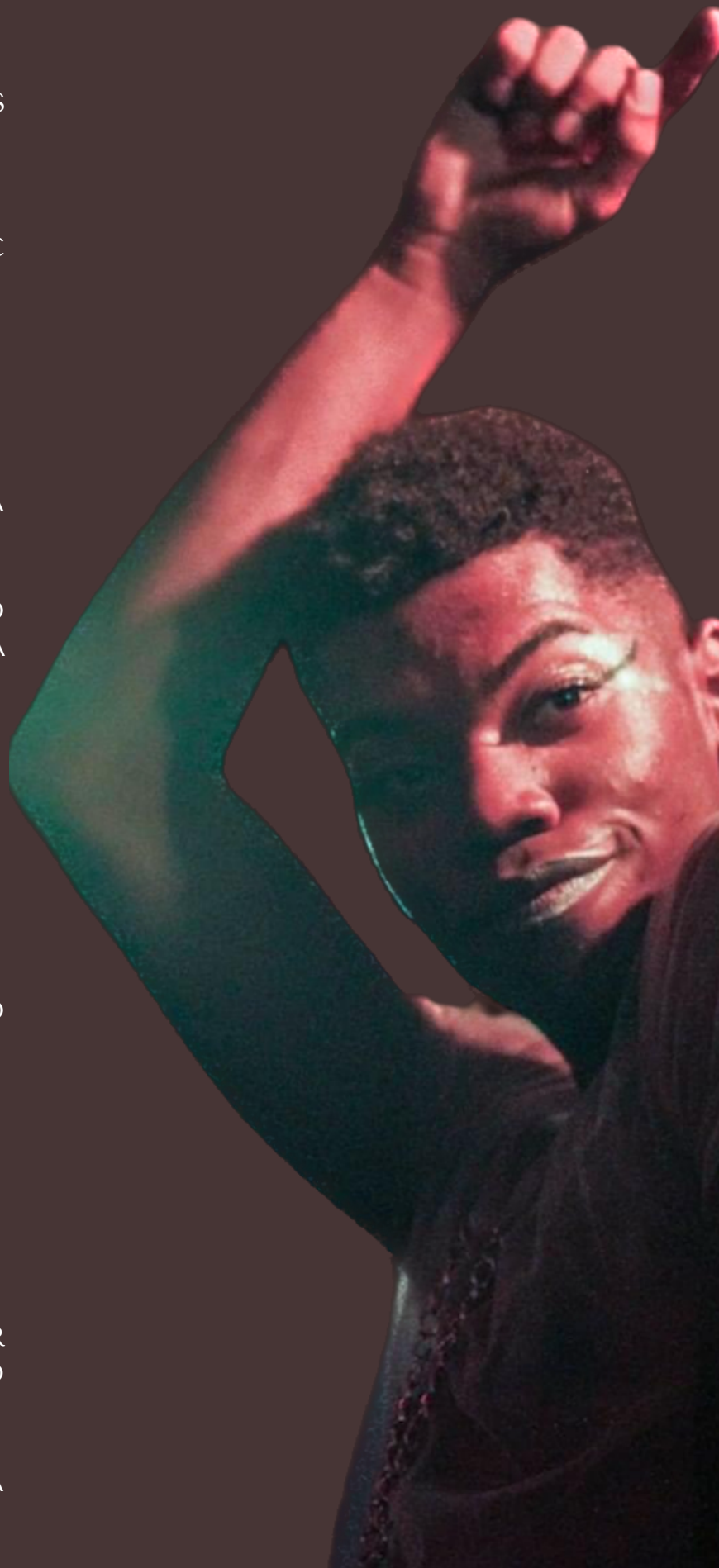
8 DEI TANTO, MAS NÃO
RECEBI NADA

9 DE VOLTA A GRADUAÇÃO

10 ISOLARAM A "TAL DA BIXA"

11. (EU)TOPIA: UM LUGAR
INCERTO ONDE HABITA O
CAOS

12 UM FIM... OU SÓ MAIS UMA
MORTE DA BIXA PRETA



Editorial

Quando a autobiografia é o elemento metodológico de uma pesquisa no campo das artes, é necessário pensar estratégias que definam um caminho capaz de fazer com que as leitoras possam compreender a linha de reflexão da pesquisadora. Assim, neste trabalho, a escolha foi a de pensar o caminho percorrido pelo artista Marcelo Ferreira da sua infância o momento atual como uma bixa preta, buscando refletir sobre as bixarias e suas questões identitárias, sociais, estéticas e políticas, com o propósito de produzir uma relação emotiva e reflexiva com o leitor.

O foco do texto está em desvelar as vivências e violências sofridas pelo racismo estrutural (e todas as suas facetas) e pela homofobia, bem como por todos os aspectos interseccionais que atravessam esses dois campos, com a intenção de responder a seguinte questão: o que é ser uma bixa preta? Para provocar as leitoras, Marcelo Ferreira conta sobre a sua vida pessoal e artística, trazendo à tona referências estéticas e políticas fundamentais para um processo de autorreconhecimento do que é ser uma bixa preta.


As leitoras encontrarão uma história fictícia com elementos verídicos a partir das memórias de vida e das obras artísticas do artista, com a intenção de dialogar com as questões que envolvem o que é ser uma bixa preta na dança. Além dos textos, escritos sempre na primeira pessoa, e das caixas de diálogo, que trazem interjeições, pensamentos, onomatopeias, sensações, entre outras coisas mais, há uma quantidade de imagens que pretendem aproximar a contação da história com a construção imagética, estabelecendo uma proximidade entre o artista e as leitoras.

Termos de Referência: Bixa Preta, Marcelo Ferreira, Racismo Estrutural, Homofobia, Processo Existencial, Autobiografia.






Sempre fui uma criança bastante agitada, criado na casa dos meus avós no subúrbio de Uberaba, pois meus pais trabalhavam o dia inteiro. Passei boa parte da minha infância brincando na rua, subia em árvores, brincava de queimada, às vezes jogava futebol, brincava de casinha com as minhas amigas (meu pai não gostava muito que eu brincasse disso, mas estava tudo bem), brincava bastante de pique-esconde. NOOOSSSAAAAA EU ADORAVA, eu era muito bom, só teve um dia que eu achei meio estranho, porque dois coleguinhas da rua me levaram para um canto escuro, eu não entendi nada e saí correndo, mas foi tranquilo, fiquei bem!



AAIII eu não posso esquecer que eu amava dançar com as minhas amigas do bairro e minhas primas. A gente arrasava muito! Os nossos gostos variavam de É o Tchan, Bonde do Tigrão e até as músicas da Xuxa, pois era meu sonho ser a Xuxa Preta.



O QUE É BIXA? ELAS PODEM DANÇAR?



Por gostar de dançar, comecei a me arriscar nas festinhas de família, eventos da escola, casamentos, batizados e muito mais. Meu amôôô! Eu era boooaaa. Com o tempo, percebi que algumas pessoas me olhavam um pouco estranho, e eu não entendia nada. Com os olhares vieram falas do tipo: “quem rebola assim é bixinha”, “isso é coisa de bixa”. Mas uaaaii menina, o que que é bixinha? Quem é bixa? Eeeiii o que vocês entendem quando vocês falam ou escutam alguém chamando outra pessoa de bixa? Será que é por causa das minhas aproximações com as minhas amigas e primas?

Bom, até então eu não tinha adentrado nas teorias e discussão sobre sujeita bixa, mas como apresentei, bixa foi um termo que me colocaram e sem nem me explicar, durante toda a minha vida e fui aceitando esse termo, até poder reformá-lo como um lugar político e de força, transformando do pejorativo em algo concreto e afirmativo, não como uma identidade de gênero ou como expressão de gênero, entendendo que no mundo há uma diversidade de conceitos e definições da nomenclatura, e em prol disso atento a minha performatividade reboiativa e afeminada desde a minha infância, percebida por olhares e questionamentos.

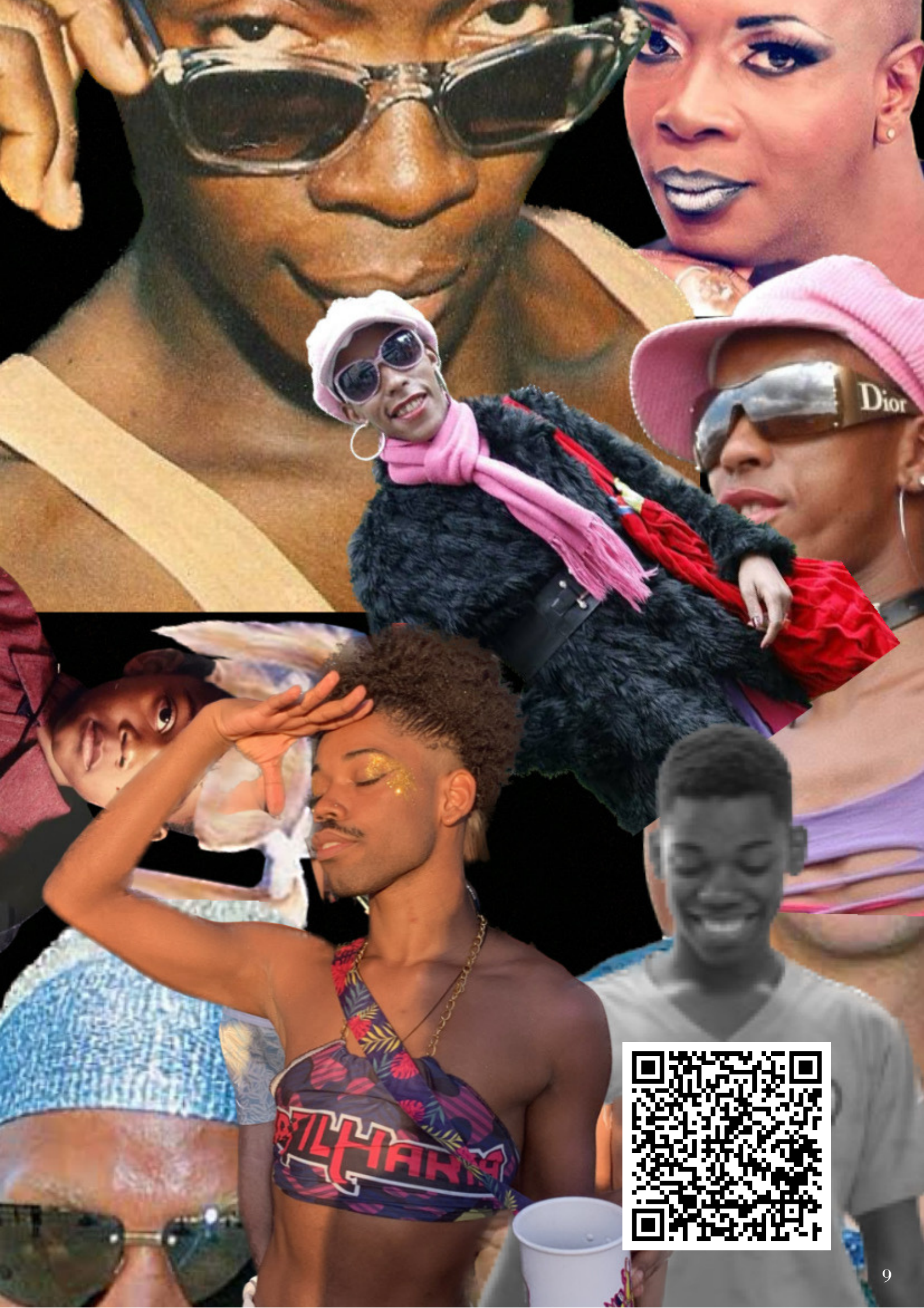


FONTE: print tirado no site
<https://www.clickpb.com.br/saude/lacraia-morreu-na-madrugada-desta-terca-feira-118852.html>, na data 20/10/2022



FONTE: print tirado no site
<http://mundodatvaberta.blogspot.com/2009/02/sbt-recusa-fazer-minisserie-sobre-vera.html>, na data: 20/10/2022

Começo a buscar pesquisa, entendendo que sou um corpo desobediente, fracassado do sistema hierárquico, capitalista, heteronormativo, justificando situações de exclusões e abandonos. Em uma reflexão geral pela minha trajetória no curso de dança, afirmando que a dança/arte permitiu que eu pudesse me expressar, falar e até mesmo dançar a minha história sem ter passado por uma técnica, ou grandes companhias.

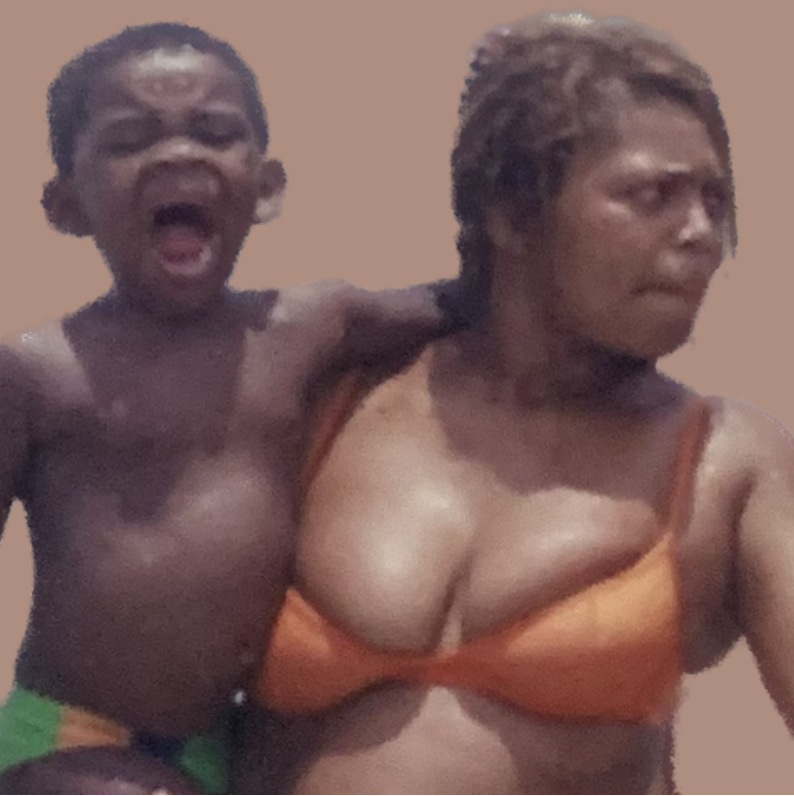


Ressignificando o escândalo

Ainda na minha infância, sem entender muito bem essas falas e questionamentos, comecei a ficar incomodado, e a forma de evitar futuras falas foi usando a birra e o choro como um instinto de defesa. Então se eu estivesse dançando e alguém me olhava torto, logo arrumava um escândalo! Aí minha “fiah”, a pessoa saía “vazada”. Cheguei ao ponto em que essa história de ser escandaloso dava no mesmo de ser chamado de bixa, pois “meninos não gritam” e “meninos não choram”.

A propósito gente, ninguém aqui conseguiu me explicar o que é ser bixa? Será que é quando uma pessoa homoafetiva do gênero masculino performa um corpo afeminado? Mas espera aí gente, eu era só uma criança e ninguém me explicou o que é ser bixa! E AAAAÍÍÍ? Alguém aqui consegue me explicar?

“Para muitos, ser bicha ainda é ser puramente afeminado, homossexual passivo, ou até ter comportamento escandaloso e “inadequado” (FREITAS e SILVA 2016. p 5).





Arrasei na
tática



Na escola militar, fui bastante disciplinado e inteligente: pegava as matérias no ar. E quando eu chegava em casa não revisava o que tinha sido passado na aula, sobrando tempo de ir diretinho pra rua, dançar as músicas que estavam bombando na época. Sendo assim, não era muito estudioso em casa, pois pra mim só prestar atenção nas aulas já era o bastante.

Aí menina, o tempo passou e o ensino médio chegou e com ele veio a puberdade, os hormônios à flor da pele, estranhamento corporal, mudança na voz e a atração por meninos começou a ficar em evidência em meus pensamentos. Eu não era considerado nada atraente. Melhor, feio! Bom era o que o sistema padrão estético colonial branco, cis e heteronormativo quis que eu e mais o resto do mundo acreditasse, eu não tinha altura o suficiente, meu abdômen não era definido igual a dos outros garotos da minha escola, usava aparelho, meus traços negroides eram bem marcados e tinha uma performatividade bem afeminada e reboletiva.

Em decorrência disso, diariamente surgiam bastantes comentários homofóbicos, não tive nenhum relacionamento amoroso igual as minhas amigas e nunca era convidado para as festas. Não aceitei esse fato da exclusão e como eu adorava um escândalo e uma confusão eu não podia perder essa batalha, entendi que eu era a chacota, comecei a ser super “engraçado”, bajulador das meninas mais populares da escola, reinventei meus choros por gritos, eu era ótimo nos barracos e com isso as pessoas começaram a se aproximar mais de mim.



FONTE: arquivo pessoal do Marcelo Ferreira, fardado na banda do colégio Tiradentes



Assumi a tal da bixa

Até então eu nunca tinha afirmado publicamente sobre a minha sexualidade, quem sabia eram poucas amigas e o restante só implicava mas sem ter provas, e eu vivia bem só com esse recorte de pessoas que sabiam. Maaaass, como a alegria da bixa dura pouco:

Num belo dia, estava eu na sala de aula conversando com as minhas amigas, fui surpreendido por um menino que estudava comigo, afirmando que eu havia curtido uma postagem “gay” no FACEBOOK e querendo me ofender me chamando de bixa. Bom, a princípio tomei um susto né! E depois achei aquilo uma audácia e já fui logo dizendo: Nossa sério? Que bom que agora todo mundo sabe sobre eu ser gay, por mais que não deva satisfação da minha vida pra ninguém aqui nesta sala. EEE AAA aproveitando que você começou essa pauta, manda um beijo pro seu pai, pois a noite de ontem foi incrível. (eu disse que eu adorava um escândalo) e gritei: “EEEEEEPPPAAAAAA! BIXA NÃO, PRA VOCÊS É SENHORA BIXA.”.

Sendo assim, de forma bem imatura e pejorativa, entreguei a eles a tal da BIXA que eles tanto falavam, queriam, reprimiam e rejeitavam. Mesmo sem entender ao certo o que era, por que até agora ninguém aqui me explicou o que é ser bixa.

Adilson Moreira, ao citar a personagem Vera Verão interpretado por Jorge Lafond, diz que:

Vera Verão representava, ao mesmo tempo, uma imagem caricata da mulher negra e do homossexual negro, o que permitia a pessoas brancas heterossexuais se sentirem superiores a negros e homossexuais, grupos que eram assim retratados como inferiores e ridículos. Seu personagem era, portanto, um tipo de humor construído a partir da marginalização de minorias dentro de minorias. (MOREIRA, 2019, p. 71)

FONTE: Print tirado do site <https://www.otvfoto.com.br/sbt-deve-fazer-minisserie-sobre-jorge-lafond-o-vera-verao/> na data 20/10/2022

A guinada da “tal da bixa”



Mas essa história de superação não acaba por aqui, ainda falta a melhor parte, por as pessoas começarem a se aproximarem de mim, comecei a ser convidado para suas festas. Não me esqueço da primeira festa de quinze anos que eu fui, era de uma menina bem popular da minha sala e eu ainda não tinha sido convidado, implorei pra que ela me chamasse, noosaa eu fiz de um tudo. Acabei sendo chamado, e fiquei bastante ansioso e feliz por ir. Por mais que estava com muitas expectativas pra ir em uma festa de quinze anos, eu não esperava o que iria acontecer em minha vida. Cheguei ainda um pouco tímido, os convidados que já haviam chegado não eram meus amigos, fiquei deslocado por um tempo até que foi chegando uma amiga ou outra. A comida estava ótima, a decoração uma coisa de cinema e a debutante estava linda e chamando a atenção de todo mundo. Logo após a valsa o Dj abriu a pista de dança com a música “Dança créu” do Mc Créu ainda recesso por lembrar dos momentos que eu dançava quando eu era mais novo

sussurrava em minhas memórias as vozes das pessoas me reprimindo por isso, até que uma amiga que sabia que eu amava essa música me encorajou a dança-lá, me puxando pelo braço até o bar da festa, pedimos um shot de vodka e bebemos de uma vez. Olhei pro meio da pista não tinha uma alma viva nela, fui até o meio e comecei a dançar sozinho, sentindo toda aquela batida em meu corpo, eu arrepiava e sorria, colocava a mão no joelho, descia e subia, olhava pro lado encaixando e desencaixando o meu quadril e rebolei como se não houvesse amanhã. Abri os olhos e percebi todo mundo que estava na festa me olhando e me aplaudindo loucamente, foi nesta hora que eu, a tal da bixa, pude me sentir incluída, vista, desejada, admirada, almejada, presente e viva.

PACK DE REAÇÕES MARCELINA GEORGE



Na segunda-feira, após a festa, a escola inteira já estava comentando sobre o ocorrido, as garotas iam atrás de mim pedir para ajudar elas a rebolar, os garotos começaram a me elogiar, apareciam boatos que as meninas tinham inveja do meu rebolado, pois não havia ninguém da escola que dançava daquele jeito, a repercussão foi tanta que até os namorados dessas meninas pediam para que elas viessem falar comigo para ensinar elas a dançar funk, para que depois elas fizessem o que aprendeu comigo com eles em seus momentos íntimos. **JUROOO GENTE!** Com isso, a escola tornou-se meu lugar favorito, pois as pessoas na época me adoravam, não paravam de chegar convites de aniversário, recebia proposta para ensaiar e coreografar apresentações que aconteciam na escola. Era o meu momento! As pessoas já estavam se familiarizando com a personalidade que eu tinha apresentado a eles. Sim! Um ser forte, barraqueiro, que não levava desaforo pra casa; o que fazia todo mundo rir por ser a própria piada; a Bixa mais amada da escola. Isso mesmo! Eu, a tal da bixa, era um evento



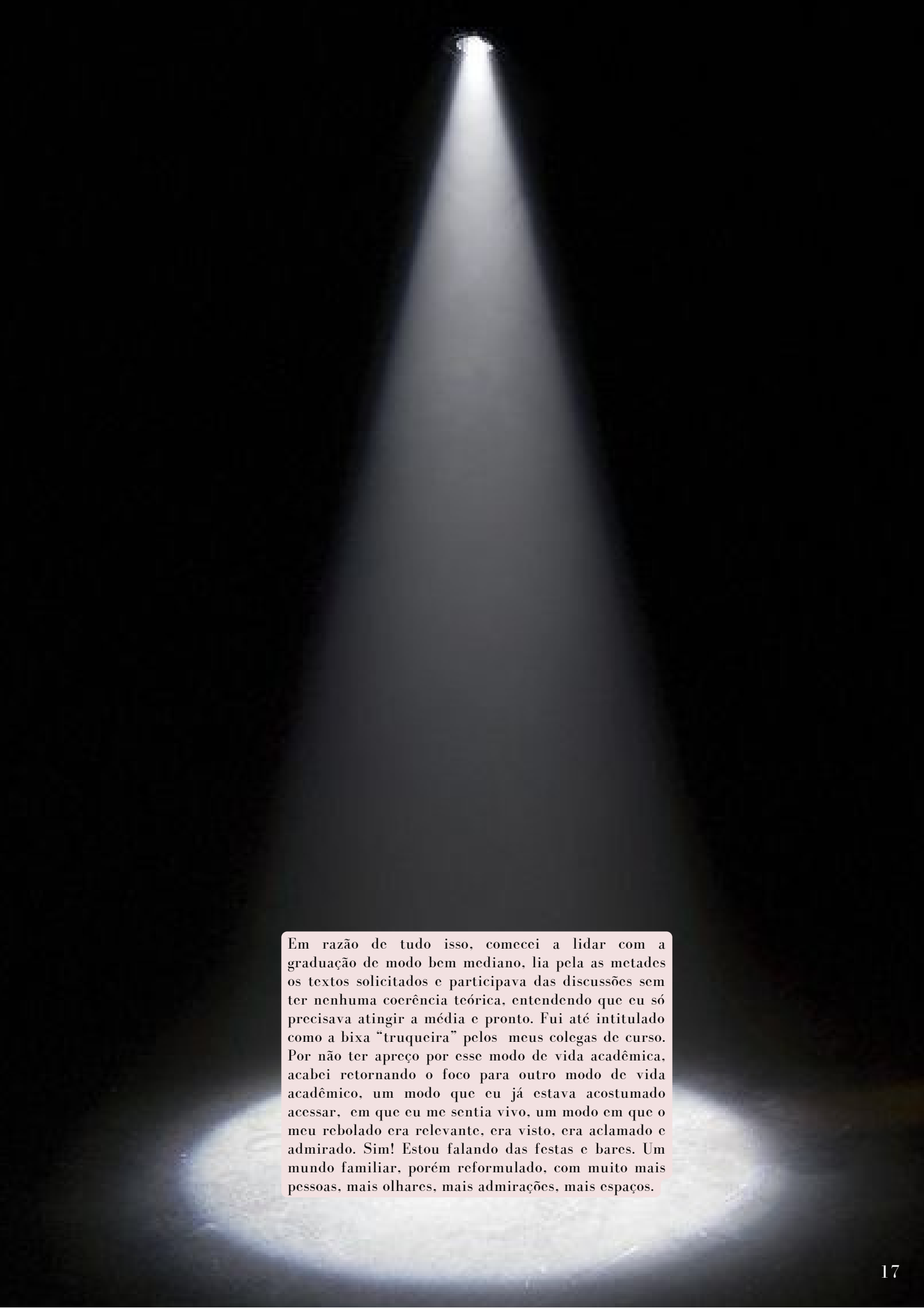
Do ensino médio para o mund... Opa! “Pera” aí, para as festas universitárias

No último ano de ensino médio, foram aparecendo mais festas, mais pessoas, saindo cada vez mais, deixando de lado as preocupações em ingressar em um curso tradicional (como direito, medicina e engenharia), sem me preocupar muito com a faculdade. Meus pais, que sabiam que eu era uma pessoa que gostava de dançar em festa desde criança, me incentivaram a tentar entrar em uma graduação em dança, que a propósito eu não sabia que existia um curso de Dança no Brasil e nem imaginava como seriam as aulas dessa graduação. Mesmo assim, fiquei interessado, não só pela graduação mas sim pelo fato que eu iria mudar de cidade, ter a experiência de morar sozinho e conquistar outras pessoas com o meu rebolado.

Me formei e, logo em 2017, comecei a cursar Dança na Universidade Federal de Uberlândia. Cheguei aqui bem perdido, pois era jovem, recém-formado sem nenhuma maturidade e responsabilidade para estar em uma vida universitária acadêmica. Como havia dito antes, eu não era uma pessoa interessada intelectualmente, nunca tinha feito aula em escolas técnicas de dança ou atuado em uma companhia de dança. E por chegar na graduação sem ter passado por essas experiências e observar os meus colegas de curso compartilharem suas vivências com a dança, mesmo que cada uma delas fossem técnicas de danças distintas, me senti frustrado e percebendo que eu não fazia parte do curso, não enxergava capacidade intelectual para produzir textos de linguagem acadêmica, não tinha o interesse nas leituras dos pesquisadores e artistas que eram discutidos durante as aulas, porque essas referências não tinham relevância, em comparação as minhas que eram Bonde das Maravilha, Lacreia, Sheila Mello, Beyoncé e as minhas primas. Questionava o porquê que nas aulas não era estudada a história do samba e a origem do rebolado da dança do funk, aceitei que eu não pertencia a este espaço acadêmico, pois a única coisa que sabia fazer era rebolar a minha bunda.


“Vimos, a partir de Grada Kilomba, Esther Newton e Viviane V., que a academia, mais do que um espaço neutro de produção de conhecimento científico, deve ser compreendida como espaço de violência e exclusão. Mas não seria necessário ancorar-se no texto dessas autoras para falar a respeito dessa violência, uma vez que minha experiência acadêmica, ela mesma está atravessada por procedimentos excludentes, responsáveis pela representação de minhas idéias e articulações teóricas como necessariamente imaturas, inconsistentes e subteóricas.”(MOMBAÇA, 2015,p 9)





Em razão de tudo isso, comecei a lidar com a graduação de modo bem mediano, lia pela as metades os textos solicitados e participava das discussões sem ter nenhuma coerência teórica, entendendo que eu só precisava atingir a média e pronto. Fui até intitulado como a bixa “truqueira” pelos meus colegas de curso. Por não ter apreço por esse modo de vida acadêmica, acabei retornando o foco para outro modo de vida acadêmico, um modo que eu já estava acostumado acessar, em que eu me sentia vivo, um modo em que o meu rebolado era relevante, era visto, era aclamado e admirado. Sim! Estou falando das festas e bares. Um mundo familiar, porém reformulado, com muito mais pessoas, mais olhares, mais admirações, mais espaços.

A mais desejada



Eu vivia pra isso, rodeado de muitas pessoas, adorava subir em cima em palcos e rebolar “horrores”, ser convidado para as festas mais importantes da universidade, cheguei a ser amigo... Melhor, “fui” da família dos donos e organizadores das festas, ter a minha cara escancarada nos folder de divulgação dos eventos, as pessoas me conheciam por todo o espaço da universidade, até ouvi boatos pelos corredores da UFU que tinha uma “galera” que frequentava os bares só pra me ver dançar. Eu era provocante, os “boys” ficavam loucos para me beijar, eu sabia seduzir eles e satisfazê-los em quatro paredes, a propósito eu era dada mesmo. Sendo o sonho de qualquer rapaz que estava nas festas, bom! Era o que eu achava kkk, por ter um belo sorriso, um olhar fascinante, rebolava evidenciando cada curva do meu quadril, dando a entender pelas movimentações das mãos acompanhadas do belo sorriso de canto que sabia fazer “coisas”, siiim aquelas “coisas”, que mais ninguém sabia fazer. Aiii me deu até um calor agora! Mas enfim, de novo a história se repetia, vivência de um novo um estrelato, com muitas festas e muitos amigos. Por gostar de estar nesse contexto de festas, comecei a perceber uma finalidade com as aulas práticas oferecidas pela graduação de bacharel em dança, pois entendi que as disciplinas poderiam me ajudar a aparecer mais nesses espaços, pois nas aulas ofertadas pelo curso não são estudadas técnicas tradicionais de dança, como, por exemplo, balé clássico, sapateado, valsa e hip hop. Compreendi que o objetivo do curso estava voltado pro trabalho corporal do aluno, em provocá-lo a pensar em todo o processo de criação em dança, desde o espaço cênico até a indumentária do artista, contrapondo do foco de uma formação de licenciatura que tem a finalidade da formação do professor-artista. Com o meu interesse aflorado pelo trabalho corporal cênico que o curso oferecia, experimentei pegar esses conhecimentos das aulas práticas para as festas, sucedendo em mais aclamação e admiração.



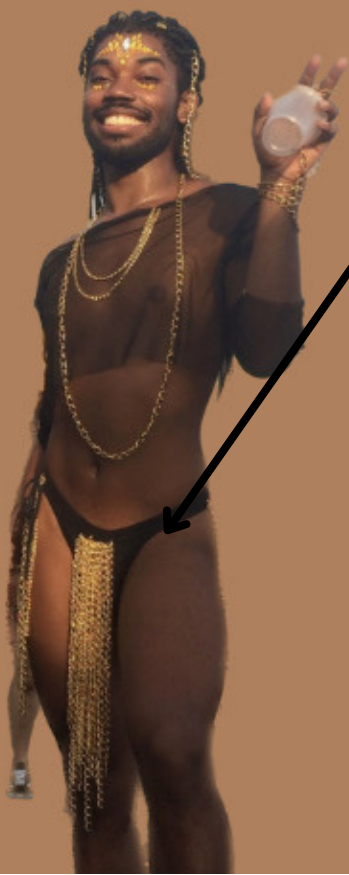
FONTE: print tirado do perfil do instagram
<https://www.instagram.com/p/CQq99itouX2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=a>



Os looks da bixa

AIII AS FESTAS: em volta da UFU a dinâmica de festa e evento era organizada entre, Happy Hours, produzido pela as atléticas acadêmicas esportivas mais conhecido como HH, e os bares/boates universitários, onde a maioria da comunidade da UFU costuma ir. Eu sempre dava um jeito de ir em quase todos, arrasava nos meus looks que variavam entre shortes curtos, às vezes saias e dependendo do calor eu ia até de calcinha, e o motivo? É óbvio né? mostrar o que eu tinha de melhor, belas coxas e uma bunda babadeira que foi esculpida de tanto dançar funk nas festa, eu amavaaa me portar desse jeito, de vez em quando surgiam alguns comentários falando que eu era “baixa”, “vulgar” e “dada”, mas logo eles eram silenciados pelos gritos da multidão me chamando de maravilhosa, bixa boa, a bixa da dança, perfeita, babadeira, arrasadora e lacradora, isso tudo para afirmar que eu estava lá, que havia chegado, sim a tal da bixa querendo aparecer.







Dei tanto, mas não recebi nada

Até então, nestes dois semestres da graduação, consegui lidar com este modo de festas e a graduação, mas com o tempo ele foi desgastando, comecei a ficar mais cansado e frustrado, sabe?! Pois senti que estava sendo cobrado a todo o momento, chegando em um ponto em que as pessoas me paravam nos banheiros das festas, aiii isso cansa sabe, por que no final tinha situação que eu não recebia nenhum “obrigado”. Notei que por ceder e servir a essas pessoas, estava me tornando cada vez mais irresponsável com a minha saúde física e mental, pois comecei a lesionar músculos, aumentar o consumo de álcool, me forçando em querer estar em um espaço que eu achava que eu era visto, respeitado e aclamado. Em decorrência disso foi aparecendo questionamentos do tipo, eu preciso sempre estar nesses lugares? Por que eu estou dançando para essas pessoas que não falam nem um obrigado? Será que os meus amigos que estão organizando a festa vão me chamar para uma futura parceria? Qual é o ganho financeiro com isso? Será que essas pessoas iriam pagar pra me ver apresentar em um espetáculo? Por que essas pessoas não me tratam como um artista? Fiquei sem resposta, mas continuei com a angústia e por não ter elas, vieram as crises de identidade, existenciais, e de ansiedade, e a dependência social juntando com um grande consumo de bebida alcoólica, em forma de compensação da angústia de não conseguir achar essas respostas.

Por viver um ano bem eufórico, em 2018 me encontrei debilitado e atormentado dessa vida agitada e com muita bebedeira, trocando ele por uma mais voltada a vivências artísticas de dança, participando de oficinas, fazendo cursos externos, participei de grupos de extensão entrei para um grupo de estudos cênicos em danças pélvicas: Twerking, funk jogação, brega funk e DHQ lugar onde foi uma escola para me entender profissionalmente enquanto artista, me possibilitando a ter um estudo teórico das técnicas trabalhadas durante os encontros, o contato com outros profissionais que trabalhavam e estudavam essas técnicas dentro e fora da academia, têm me proporcionado a experiência de competir no UdiUrban evento de Danças Urbanas de Uberlândia, no teatro municipal de Uberlândia. Foi uma apresentação magnífica, nós arrasamos tanto que no final ficamos em primeiro lugar na classificação ao terminar a apresentação. Ainda muito contente, observo que os amigos de alguns integrantes do grupo estavam lá vibrando e comemorando e me toquei que os amigos que havia convidado, aqueles mesmos que iam nas festas só pra me ver dançar, AQUELES que me consideravam da família, não estavam lá. Olhei para os lados e não encontrei ninguém. Mas tá OK! Eu estava feliz porque tínhamos conseguido ficar em primeiro lugar.



FONTE: foto tirada dos integrantes do grupo Booty Udi, no evento Udi Urban

De Volta Para a Graduação

No meu quarto período em uma disciplina do curso, fui questionado por um professor sobre minhas capacidades e limitações intelectuais, sendo provocado de modo positivo o meu interesse na dança, me queixando o motivo de não trazer as minhas vivências de festa para sala de aula, me fazendo acreditar que poderia ter essa possibilidade de falar sobre a minha relação com a dança levando para a construção de uma cena, concluindo em um processo de criação coletiva da disciplina onde o ponto de partida era que cada aluno trouxesse suas perspectivas, motivações, referências e trabalhos de dança. Podendo experimentar essa possibilidade de criação dentro da sala de aula, me colocou em um lugar de liberdade e inserção do espaço na academia.

Em 2019 estive mais interessado no mundo acadêmico. Fiz oficinas e até uma iniciação científica com a temática da valorização da dança funk brasileira ... No meu sexto período me matriculei na disciplina de estágio: uma das disciplina finais da grade curricular do curso de bacharelado em dança que parte de um objetivo a interdisciplinaridade dos processos artístico, vinculando estudos e processos, trabalhados anteriormente nas disciplinas ofertadas durante o curso e a experimentação e exploração da capacidade do aluno em organizar seu processo artístico, orientado por um docente. Logo abaixo, no QRcode apresento o plano de ensino da disciplina do curso de dança :




Diante do exposto, decidi partir para um trabalho solo que eu pudesse falar sobre mim, começando uma pesquisa autobiográfica com auxílio de uma psicóloga para que eu pudesse acessar traumas e violências vividas de forma segura. Na junção deste primeiro trabalho me veio a conclusão que eu iria focar nos meus quatro estados emocionais: felicidade, sedução, angústia e tristeza, pensando neles como um ciclo emocional que se repetia a todo instante como uma ferramenta de sobrevivência que precisava atuar em minha vida social sendo o primeiro estado, a felicidade um lugar que transparecia estar sempre bem, rindo, e sendo divertido e amigável com as pessoas; depois vem a sedução através de uma boca grande que evidenciava um simpático sorriso e um rebolado envolvente; o terceiro, a angústia, pois com o tempo esse sorriso começou a ficar angustiante por sustentá-lo, estando sempre pronto, disposto e disponível ao mundo e não receber de volta considerações, afetos e cuidados; e por último vem a tristeza, um lugar vazio e solitário por entender que mesmo se eu continuar sustentando e esforçando sorrisos, eu nunca vou conseguir ser retribuído. Compreendendo esses estados, aceitei que eu não estava bem e foi nesse momento que veio a inspiração final para disciplina de estágio, uma performance de dança em que eu conto momentos da minha vida em que eu sofria violências desde a minha infância até o momento atual, cenicamente cômico e ironizado. Trazendo como referências os programas de entretenimento no final dos anos 90 e início dos anos 2000, que usavam personalidade de bixas pretas como Vera Verão e Lacreia, como algo cômico e caricato desses corpos.



O Brasil, em fevereiro de 2020, se encontrava numa guerra contra o coronavírus. Uma das formas para se evitar o avanço da contaminação era, de acordo com as recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde), o necessário distanciamento social. Isso afetou o planeta de modo geral na economia, saúde e principalmente na educação.

Para evitar aglomerações, houve a suspensão das aulas nas universidades. Consequentemente, retornei para a casa dos meus pais e permaneci em isolamento. Por estar mais recluso, sem festas e o convívio social, fiquei mais reflexivo, pensando mais em quem eu era, meus gostos, as minhas vivências e convívios. Minhas questões pessoais ficaram mais evidentes, pois na pandemia estava literalmente sozinho, sem contato social, sem poder sair, e percebi novamente em todo aquele tempo e na energia que eu colocava naqueles espaços e sem ser valorizado, pois as pessoas que sempre estavam comigo, não estava mais lá, e lá estava eu no meu quarto sozinho, sem ninguém e mais uma vez angustiado.



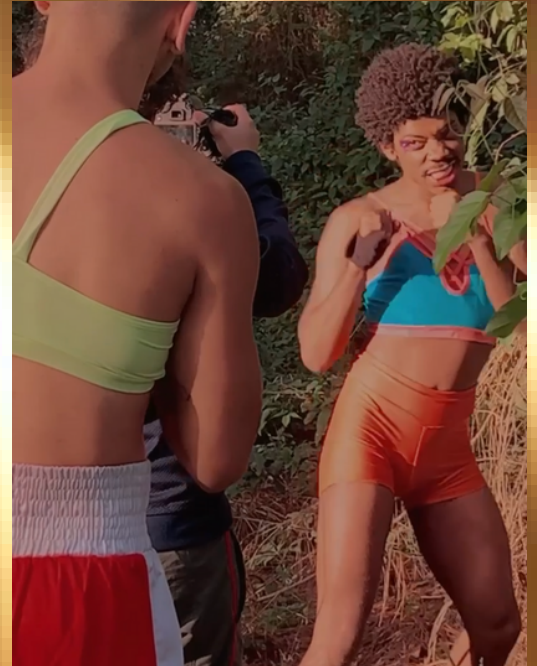
Com o tempo, o advento das vacinas e a disponibilização para a vacinação, o mundo foi se retomando uma certa normalidade. Voltei para a terapia e fui “entrando nos eixos”. Conseqüentemente, as coisas começaram a progredir ao meu favor: fui convidado para trabalhos que pensavam sobre a dança nas multimídias, resultando em experiências enriquecedoras para o meu ser artístico, participando de videoclipes e de uma videodança. Essas experiências possibilitaram que eu pudesse acompanhar todo o processo de captação de imagem, escrita da decoupage, do roteiro e a edição das imagens.

Que no final resultou em um trabalho artístico intitulado (Eu)topia.

Trabalhos de audiovisual que a bixa participou



FONTE: fotos tirada pela a BrunaBruno, durante as gravações do videoclança TITO



FONTE: prints tirado videoclip VEM FUD*



MARCELO FERREIRA



(Eu)topia

(Eu)topia: um lugar incerto onde habita o caos

Com a volta às aulas, agora em um modelo remoto, não pude dar progressão na performance presencial que já vinha trabalhando em 2019 e, por ter gostado de atuar com o vídeo, optei em produzir uma videodança, partindo de um estudo que articula questionamentos de exclusão, exploração e marginalização do meu corpo, o corpo de uma “bixa preta”, perante a sociedade e a vivência desse corpo na sociedade. O trabalho foi elaborado a partir de materiais como: diários de gravações, análises de relações, perspectivas e vícios, estados emocionais. Isso produziu materiais que deram base para a elaboração de um roteiro para a videodança (Eu)topia.

Os primeiros passos foi pensar na cenografia do trabalho que seria na casa em que resido em Uberlândia, primeiramente por ainda estarmos na pandemia, o que tornava muito difícil pensar em outro lugar para as gravações (ainda estávamos em isolamento social), e segundo, porque foi essa casa o lugar que eu resido por mais tempo durante o período da minha graduação, foi nela que eu passei por várias ressacas físicas e morais, foi nela que desabafei vários choros e angústias.

Em seguida na construção do roteiro contendo seis cenas. A primeira cena tem com o intuito de levar ao público, a situação do intérprete-criador chegando de uma festa que ele foi bastante aclamado e venerado pela as pessoas, trazendo uma interpretação que ele amado e adorado em ambiente festivos,



já na cena dois o intérprete entra em sua casa já sozinho com um aspecto cansado e se despindo, acompanhado de uma voz que vem da sua cabeça, questionando-o, que já que ele é amado e aclamado, perguntando: onde estão essas pessoas? e que no final é sempre o mesmo resultado não terá ninguém ao seu lado, referenciando a ideia da solidão de corpos similares ao do intérprete (de uma bixa preta)



Na cena de número três o intérprete aparece em um ambiente escuro, com várias outras cópias de sua imagem se contorcendo com uma sonoplastia angustiante reforçando ao público um pensamento representativo de um começo de uma crise de ansiedade tendo que lidar com a solidão.




Caminhando para a cena quatro, o intérprete volta a continuar o seu percurso pela a casa já anestesiado de uma pós crise e sendo guiado por uma voz em sua cabeça a beber, simbolizando o aspecto que o próprio intérprete viveu achando que a bebida era a solução de não ficar pensando muito na questão de ser um corpo excluído pela a sociedade e solitário.



FONTE: prints tirado das cenas do videodança (Eu)topia

Na cena cinco tem o viés de trazer o caos em um ambiente escuro e descontrolado causado pelo consumo excessivo de bebida alcoólica.





E por final vem a cena seis
tem como narrativa o pós
caos , a ressaca causada pela
embriaguez, trazendo ao
público a imagem do
intérprete lutando para se
sustentar, simbolizando
força, resistência e esperança
de corpos que são excluídos e
rejeitados, que depois do caos
precisamos nos levantar e
continuar a viver, mesmo
que estejamos sozinhos.

Todo o processo de (Eu)topia parte de algo muito corajoso da minha parte, por estar desenvolvendo um trabalho íntimo onde compartilho meus vícios, crises e medos. Atuei como intérprete-criador, roteirista, diretor e sonoplasta na obra, assumindo essas responsabilidades com bastante cautela, começando pela escolha da cenografia, tinha que ser na minha casa onde eu morava, pois foi nela que eu vivi a maioria das minhas crises, estabelecendo uma relação desse espaço, com o meu corpo tornando a minha casa e o meu corpo a mesma coisa, justificando a abertura do trabalho que mostra eu chegando da rua e eu entrando em mim mesmo (ou na minha cabeça) levando essa ideia para o público que for assistir. A cena que do caminho pela sala e aparece uma voz no fundo, essa voz seria meus pensamentos questionando sobre onde estavam essas pessoas que sempre me aplaudiam e me desejavam, a cena que eu estou com a garrafa de pinga e vou beber de forma eufórica com uma iluminação de strobo, ilustra a euforia de quando eu estou bêbado e perco o controle, e a cena final eu to em pé de cabeça baixa segurando uma garrafa vazia em uma mão e uma taça também vazia na outra mão, no meio da bagunça buscando força para resistir ao meio aquela bagunça que ficou a minha sala/cabeça, assumindo a reflexão de estava cansado de passar por todo esse ciclo que venho vivenciando em minha vida e entendendo que eu precisaria tirar essa força do caos para me reconstruir fazendo uma analogia direta a uma construção civil.

Quando terminei de apresentar (Eu)topia, senti pela primeira vez orgulho e satisfação por algo que havia produzido. Foi ali que passou um filme na minha cabeça, relembrando toda a minha história, meus sofrimentos, angústias e amores não correspondidos. Foi ali que desabafei minhas questões, foi naquele momento que pude abraçar meus eus do passado, pude mapear meus erros e entender que tudo o que passou foi e está sendo parte do meu processo de amadurecimento. Logo depois, percebi minha importância enquanto artista em querer resistir e prosseguir com a minha carreira artística.



(Eu)topia

Marcelo Ferreira

Convido o mundo para comparecer a minha moradia, apresentando um resultado de uma planta baixa, erguida por relacionamentos, emoções e vícios em que você, ele e aquele fizeram parte da construção desse lugar incerto, no qual o seu inquilino é o caos.

Sejam Bem-vindos.



Marcelo Ferreira está se graduando em Dança pela UFU, artista da dança, professor e pesquisador da dança do funk brasileiro, intérprete-criador, coreógrafo e diretor. Atualmente reside na cidade de Uberlândia, onde desenvolve seus trabalhos e pesquisas desde 2017. Marcelo Ferreira esteve presente em festivais e eventos como bailarino em grupos, um deles foi o booty udi e recentemente no começo de 2021 entrou para o coletivo sala vazia atuando como intérprete-criador no videodança TITO.



FONTE: prints tirado da revista Circulandô VI

Em casa e com sua família. Em churrascos com pagode e funk. Na vida social, em festas, barzinhos, reuniões de amigos. Assim se deram as vivências em dança do artista Marcelo Ferreira inicialmente.

Sua relação com a dança está presente em sua vida pessoal e não apenas no espaço acadêmico e formativo. Ao ingressar na universidade esse artista presenciou o ambiente de formação e passou a entrar em contato com outras formas de criação e desenvolvimento de propostas artísticas, seja no âmbito cênico, de estudo, como também de trabalho

Partindo de seus próprios estados emotivos, Marcelo dá forma à videodança nomeada (Eu)topia. Seus estados emocionais, frequentemente despertados pelos fenômenos sociais que o atravessam e provocam a variação de seu humor, sentimentos e emoções, são continuamente registrados em formato de vídeo e áudio. A obra traz um caráter intimista. A cenografia do trabalho consiste em espaços habitados pelo próprio artista, como a sala de estar, por exemplo. Ao adentrar em outros cômodos é possível relacionar esse percurso com um “espaço doméstico” do seu próprio corpo.

A obra conta com uma equipe envolvida no processo de gravação, edição e na produção da sonoplastia, em que se realiza a edição de seus áudio-registros. Com o começo da pandemia do COVID-19, o artista optou por se adaptar e, junto a isso, adaptar também seu trabalho artístico. Assim, ele transporta o espectador para seu ambiente doméstico, sua casa, seu lar. Local onde sente, percebe e registra seus sentimentos, talvez impossível de expressá-los no âmbito de uma apresentação presencial.

O contato desse artista com a sociedade atual veio gerando modificações e manipulações em sua condição emocional. Assim, ao expressar tais sintomas, sua videodança alcança o público ao procurar despertá-los em suas memórias frente a essas mesmas situações.

No meu processo final da escrita do tcc, refleti sobre toda a minha vida. Parece que foi desencadeamento, por que meus amigos que diziam estar preocupados comigo, me deixaram? Por que o rapaz às sete da manhã grita da janela do seu carro que eu tenho que queimar no fogo do inferno? Por que o rapaz que prometia até casamento durante uma relação sexual, foi embora e não me respondeu no dia seguinte? Por que eu não sirvo para estar em um emprego? Por que os meus colegas de cursos me chamavam de truqueiro, pois eu não conseguia articular melhor as palavras quando eu iria expressar o meu pensamento em aula?

Percebi nesse processo que a vida inteira eu servi as pessoas. Servi... servi... e fui me esquecendo de cuidar de mim, fazer o que eu gosto. Me afundei em vícios, em crises de ansiedade, mas o único lugar que me deu a vida foi no processo final da graduação em dança, onde tive a oportunidade de perceber o meu eu, sendo o único lugar onde pude falar, me experimentar, me conhecer e me cuidar.

Ao olhar para o meu passado, notei que a dança sempre esteve comigo. Foi com ela que eu consegui lidar com meus traumas, foi a partir dela que reformulei, reinventei e aflorei para lidar com esses espaços e pessoas, e foi através dela que percebi a necessidade de lutar pelo o meu eu enquanto uma a tal da bixa preta. Foi ela que me salvou durante todo esses anos, mas hoje não estou bem; não pela dança, mas porque hoje eu consigo enxergar todas as violências e exclusões pelas quais eu passei em todos os espaço que percorri. Usei a dança como uma ferramenta de comunicação e expressão de desabafo que venho sofrendo desde que eu era uma simples criança. Hoje eu consigo dançar minhas dores, angústias, violências e sofrimentos.

Finalizo com a reflexão de corpos que foram rejeitados, excluídos, abandonados, impossibilitados e silenciados, por exercer uma performatividade rebotativa e afeminada, uma perspectiva de esperança resignificando os espaços que vivemos, a partir da dança, dançando os nossos desejos, as nossas lutas, as nossas dores, as nossas violências, as nossas sexualidades, as nossas vidas ou até mesmo a nossas mortes, pois já que apresento tanto sobre servi essa sociedade que tanto nos exclui, nos machucam e nos matam, por que não servir também a ela as danças de nossas mortes?

Pensando nessa dança, parti para uma performance em que eu pudesse expor todas essas dores e sofrimentos.



REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 2.
- DE FRENTE COM GABI - JORGE LAFOND (04/07/1999) | SBT Vídeos. [S. l. :s. n.], 2022. 1 vídeo (52 min). Publicado pelo canal SBT. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eL3mr9E1Bo&list=LL&index=10&ab_channel=SBT. Acesso em: 04 mar 2022.
- DOCUMENTÁRIO DO MC SERGINHO [S. l. :s. n.], 2019 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal Gustavo Scher. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gYLy2IKNcEI&list=LL&index=7&ab_channel=GustavoScher Acesso em 02 mar 2022.
- ELKE MARAVILHA ENTREVISTA JORGE LAFFOND (Programa Elke - 1993). [S. l. :s. n.], 2017. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Henrique Zambelli. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zp_1nmEDVcE&list=LL&index=8&t=521s&ab_channel=HenriqueZambelli. Acesso em: 17 mar 2022.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- SOUZA, Adri Alves de. Corpo-espetáculo: O audiovisual como ferramenta de expansão corporal das POTÊNCIAS genêrodissidentes. (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Foz do Iguaçu: 2017.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- FREITAS, Elizama de Lima Freitas; SILVA, Joicy Eleiny. Resignificação enquanto ferramenta de autoafirmação através da perspectiva da bicha. Intercom -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caruaru, p. 1-10, jul. 2016.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- LEAL, Mara Lucia. Memória e(m) Performance: Material autobiográfico na composição da cena. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- MOMBAÇA, Jota (2015). Pode um cu mestiço falar? Monstrx Erratik. Medium, pp. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915cd9c61cc>.
- MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SALVATI, Guilherme. TROVÃO, Flávio. Moonlight - o aprisionamento e a libertação: uma discussão sobre o homossexual negro. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociedade, Política e Cidadania: olhares transdisciplinares) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2018.
- VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. Salvador: Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL, 2018, v. 12.
- VERA VERÃO ARRUMA BARRACO NO MEIO DA PRAÇA | PRAÇA RETRÔ (19/01/17). [S. l. :s. n.], 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal A praça é nossa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_cywhu4uSo&ab_channel=APra%C3%A7a%C3%89Nossa. Acesso em: 09 nov 2022.